

Concordo com você. Tem razão ao dizer que somos dois extremos e, analisando bem, é tolice conjecturar algo que certamente seria destinado ao mau êxito. Acho que não há necessidade de conversarmos mais sobre isso pessoalmente. Mas obrigada pela última conversa. Acredito que muito foi esclarecido...

Naquele dia, lembro-me de ter ficado bastante agoniada, desci duas ou três vezes em direção à cozinha com o estômago roncando. Alimentei-me escassamente. Sentia as contrações da víscera, situada entre o esôfago e o duodeno, irritada, em contato com ácido estomacal. Mas, a cada vez que abria a geladeira, a fome desaparecia. Nem ao menos consegui forrar o estômago. Tomei um comprimido para aliviar a azia. Talvez eu estivesse começando a gripar, entretanto, não havia sinais de irritação nasal ou tosses. Algumas vezes, sentia fadiga, mas não creio que este seja o sintoma que procuro para justificar a minha situação. Fadiga todos sentem em algum momento, principalmente, depois de uma semana de muito trabalho.

Pausei quando o telefone tocou. No mesmo instante, outros sintomas começaram a surgir, e, como uma gota de corante numa poça de água, foram se expandindo. Comecei a estranhar a elevação de temperatura da minha pele. De repente meu corpo todo se aqueceu e parecia uma panela de pressão prestes a explodir. Respirei fundo. Isto não poderia estar acontecendo justamente comigo. Há algumas horas, eu estava esbanjando saúde e essa febre havia de ser passageira. Além do mais, parecia coisa de momento, como a raiva que sentimos quando apanhamos de nossos pais por termos feito algo de errado.

Deixei o telefone tocar por alguns segundos e fui atender. "Levo seu caderno amanhã". Respondi antes de desligar o telefone, nada demais. Ainda faltava passar algumas folhas a limpo, não era muita coisa, mas sinceramente, o ânimo havia me sido tomado. Aconselharam-me a procurar um médico. "Essa falta de vontade não é normal". Agradeço a preocupação, mas não é tão grave assim. Não estou presa à cama, muito menos, chorando pelos cantos ou planejando retirar minha própria vida.

A sequência das lembranças não é lógica. Às vezes me esqueço de como vim acabar pensando nisto. Recordo-me de alguns fatos, os mais significantes, os outros, simplesmente, engaveto.

Comprei recentemente uma escrivaninha daquelas bem bonitas feita com material de excelente qualidade. "Madeira nobre", dizem. Na realidade, nunca soube diferenciar uma madeira da outra, mas ouvi dizer que o mogno dura bastante quando conservado. Não me custou muito, era revenda, já usada, mas nem por isso deteriorada. Parecia nova e acho que o antigo dono quase não a tocava. Não havia rabiscos, provavelmente crianças não chegavam perto ou eram educadas e sabidas demais para reconhecer a valia da peça.

Com certeza posso afirmar que esta escrivaninha tem se tornado mais presente em minha vida do que qualquer pessoa. É a minha confidente mais segura. Ela conhece todos os meus medos, as minhas histórias de amor, os erros de português, as danças sem coreografia das tardes de sábado, os berros de sofrimento embutidos disfarçadamente no som que coloco às alturas, e mais do que isso, não me critica. Seus sentidos não são completos ou apurados como os meus, não pode descrever o que vê, ou o que escuta, e por isso eu o faço, já que mesmo compartilhando de minha solidão ela não me lembrará destes fatos no futuro.

O dia em que ouvi a sua voz pela última vez foi gritante. Não que você estivesse aos berros, sua voz quase rouca de cansaço me confortava, mas meu peito clamava por uma solução que não existia. "Engraçado" de um modo diferente, sem realmente ter graça, mas agraciado por uma ironia inocente do destino. Subitamente meu corpo todo se aqueceu. Nunca lhe disse. Não era febre, não estava doente. Guardava por você uma espécie de vulcão frenético atizado somente por sua presença, seja em corpo ou espírito. Você me desencadeava séries de reações químicas que meu cérebro custava a processar. Simultaneamente, meu corpo desajustado liberava calor e tremia. Algumas vezes eu podia sentir o ranger dos dentes igual àqueles que vemos em desenhos animados. E eu lhe respondia, num tom seco de alguém que precisamente não tem mais nada a dizer, "nada demais".

Chegaram uns amigos com uma grade de cerveja e duas garrafas de vodka lacradas. Seus rostos esboçavam sorrisos de sóbrios prontos para encher a cara. Brinquei sobre o "encher a cara". Lembro-me de uma única vez que bebi além da conta. Não estou sendo modesta. Foi mais uma brincadeira do que falta de noção. Eu sabia exatamente o que estava fazendo e mesmo assim quis arriscar um provável mal-estar no dia seguinte. Recordo-me deste dia porque o mal-estar se fez presente. Sem enxaquecas, apenas um embrulho no estômago pela parte da manhã. Não vou inventar desculpas para justificar a bebedeira. Você nunca soube das doses de Pitú, nem das caipirinhas, caipiroscas, ou dos martinis e o que dirá do uísque com guaraná no último reveillon. Nunca fiquei porre ou dei vexame. Sei quais são meus limites, mas você nunca soube disso. Talvez eu fosse uma figura emblemática em sua visão. Nossa afinidade, contraditória, envolvia cada um de nós por uma capa. Você me via não enxergava, e eu, querendo enxergá-lo tinha a vista ofuscada.

Escrever sempre me ajudou a aliviar as tensões. Escrevo para conservar minhas lembranças, minhas experiências de vida mais valiosas, para quando a vida me pegar pelo pé e as memórias me faltarem eu possa contemplar do meu próprio romance mesmo sem ter certeza de tê-lo vivido. Como hoje, como no nosso primeiro beijo, como no primeiro encontro do nosso olhar. Cada cena daquela parecia ter sido recortada de algum sonho que eu tivera no meio da madrugada, e se naquele momento eu já duvidava de ter vivenciado aquela realidade, hoje não posso ter mais certeza. Noto que, a cada dia que passa, um pedaço de mim se vai. Um fio se perde no caminho. Ainda tenho saúde para recolhê-lo, mas quem sabe se amanhã terei.

Certo sábado, e não era um sábado qualquer, pois havíamos combinado de nos vermos, fui a uma festa. Aliás, podia contar nos dedos às vezes que o vi. De qualquer maneira, fiquei esperando por quase duas horas quando me convenci de que estava perdendo meu tempo. Nunca compreendi direito a mania que algumas pessoas têm de "furar" compromissos sem ao menos desculpar-se. Deixei de lado. Fui dançar. Uma festa bem aproveitada é aquela em que acordamos no dia seguinte dolorida de tanto dançar. Acho que tinha bebido um pouco, nada em excesso, porque me vi dançando de "tudo", se bem que o ambiente em que estávamos, eu e uns amigos, certamente, não toca tudo. Naquele momento, ou quem sabe antes, entendi que ao dançar somos expostos a qualquer tipo de abordagem. Acredito que deviam me considerar já bêbada somente pelo fato de eu estar dançando, e, novamente, vem-me a idéia da capa. Um rapaz aparentando ser três anos mais jovem do que dizia se aproximou de mim. Era bonitinho, não bonitinho tendendo a

feito, mas bonitinho por ter traços quase angelicais. O rapaz tinha os cabelos loiros e escorridos, não muito alto, talvez alguns centímetros a mais do que eu. Apesar da má iluminação do ambiente constei que os olhos dele eram gentis, de tom castanho mais claro que os seus. Não estou comparando vocês, apenas tentando descrever com mais precisão. Você não iria mesmo acreditar, como eu não acreditei, quando ele me disse qual era o nome dele. Sem culpa da coincidência retornei a pensar em você segundos antes de sentir os lábios carnudos e lubrificados de saliva a me beijar com vontade. Não nego e não negaria que retribui. Instantaneamente, compreendi, como nunca havia tido tanta certeza, que a carência dos beijos de alguém não é suprida por outrem. Certamente não poderia culpar o rapaz, muito simpático, de algo que me magoava em relação a você.

Não lembro quanto tempo depois ficamos sem nos falar. Um, dois, quiçá três meses, e, quando voltei a lhe dirigir a palavra, eu nada disse. Não acredito também que tenha se ausentado de outros lábios se mesmo os meus de vez em quando experimentavam outros. É possível que como os lábios daquele rapaz os meus fossem um passatempo para os dias em que seus pensamentos quisessem deixar de rondar os de outra mulher. Não o condeno. Ninguém escolhe de quem vai gostar mesmo, e se eu tivesse a escolha é muito provável que por sensatez não me arriscasse nessa loucura de relacionamento indefinido.

Lançamento:

11 de Março de 2010

A partir das 9h

Escola Tenente Rêgo Barros

WebSite:

http://nataliamenezes.orgfree.com/marco_ascartasquenuncaenviei/